

O TEMPO COMO DIMENSÃO DA EXISTÊNCIA NA FILOSOFIA DE SARTRE

POR OCASIÃO DOS 25 ANOS DA *CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉTICA*

José Mário Angeli*

1

O tempo, como categoria ontológica no pensamento de Sartre, aparece no momento em que ele elaborou o texto *O existencialismo é um humanismo*, publicado em 1946, numa primeira fase de seu trabalho, e numa segunda fase, nos escritos sobre a *Questão de método* e a *Crítica da razão dialética*, publicados em 1960, quando discutiu o marxismo.

No texto *O existencialismo é um humanismo* afirmou que “o homem não é outra coisa daquilo que ele faz”,¹ isto é, o fazer humano é que dá sentido para a realidade. Anteriormente, no ano de 1944 no *Jornal Action*, já havia afirmado que “Marx aceitaria de fato, este conceito que é o nosso: fazer e fazendo se faz o ser e nada mais do que isto que ele é”.²

A ação do homem sobre a natureza define o seu rumo. O homem e a natureza para Sartre estão profundamente relacionados. Segundo ele, é a ação do homem que lhe atribui sentido sobre sua relação com a natureza. E, assim, no livro *Critique de la raison dialectique* ele irá definir o homem, como um ser que “age através da matéria sobre a ordem da materialidade”.³

A relação do homem com a natureza está fundada na necessidade. A necessidade é a responsável por essa relação, e assim segundo Sartre, a necessidade possui três características: a primeira

característica é da própria natureza das coisas físicas (do ser), “ser em si”, isto é, ele se basta a si mesmo. Ela está fechada em sua própria fronteira. Ela é um ser completo.

A necessidade, como “ser para si”, ultrapassa permanentemente suas próprias fronteiras. Ela é um ser para o futuro. Esse poder de transcendência seria expresso através das formas do tempo. Em oposição ao ser “em-si”, o “ser completo”, está o ser incompleto, a “falta de algo”. A natureza é um ser “em si” ao passo que o homem é um ser “para si”, e, o tempo é uma mistura de “em si” e o “para-si”, constituindo, assim, a existência humana.

Para Sartre o “ser em si” não é o fundamento, mas antes o sistema global da realidade bruta, isto é, a totalidade do ser imediato. Porém, essa totalidade se funda sobre a consciência, “aquele-ser-por-si” que é o homem.⁴ Segundo Sartre “aquilo que é comum entre eles todos não é uma natureza, mas uma condição, isto é o conjunto de limites e necessidades, necessidade de morrer, de trabalhar para viver, de estar num mundo já habitado por outros homens”.⁵

A segunda característica da necessidade é ser unívoca. Ela se refere a todos os homens. Ela vai da direção do ser totalizante ao totalizado. Isto é, o ser é anterior à questão de saber, o que sou. O homem é consciência das coisas. Enquanto, consciente de si mesmo no presente, ele vive segundo o modo do para si. Essa consciência não é distinta do corpo. O corpo não é algo exterior à

* Professor de filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

consciência, pelo contrário, ele é constitutivo da consciência. É através dele que os homens estão imersos no mundo, bem como, ele é a condição da liberdade do homem.

E a terceira característica da necessidade é a capacidade de interiorizar o exterior. Isto é, transformar o exterior em interioridade, nada mais é do que o conhecimento, o saber. Assim, a necessidade é totalizante, unívoca e interioridade. Dessa forma, Sartre está elaborando uma “nova razão”, que nada mais é que uma nova relação entre o pensar e o ser.

Então, tem-se, por um lado, o homem com a sua consciência, seus desejos e sentimentos e, por outro, a natureza com a sua organicidade. Essa forma estabelece a dialética da constituição da materialidade humana e da própria materialidade da natureza. Essa materialidade é que dá sentido ao

homem, enquanto ser que está-no mundo e engajado na construção de uma nova organização social.

Fundado nessas três dimensões da necessidade do ser, Sartre irá dizer que o “homem pode ser histórico”, porque ele se define pela “sua própria práxis através das mudanças sofridas ou provocadas e de sua interiorização, e, depois,

pela própria superação das relações interiorizadas”.⁶

Através da práxis o homem cria-se a si mesmo. Ele cria a sua própria natureza e a sua própria essência, já que ela não lhe é dada de antemão. Contudo, como o homem habita uma sociedade de necessidades, a concreta situação do homem sofre de intervenções políticas na esfera da produção e da distribuição material dos bens, acarretando as contradições e os conflitos nessa sociedade. Nesse sentido, o homem é expressão de seu tempo, tempo de necessidade que o projeta para um futuro cada vez mais distante.

2

No livro *Questão de método* Sartre fez uma aproximação da elaboração do existencialismo com base no pensamento de Kierkegaard. Para

Kierkegaard, mais do que a busca da verdade era a busca por verdades que são importantes para a vida de cada indivíduo. Importante para ele é a minha verdade. Porque o fundamental para ele é a existência de cada um e por meio desse conceito ele chegou a crítica da tradição filosófica.

Sartre irá partir da compreensão de Kierkegaard para elaborar o existencialismo. Segundo ele:

[...] a vida subjetiva, na medida em que é vivida, não pode jamais ser objeto de um saber: ela escapa por princípio ao conhecimento e a relação do crente com a transcendência não pode ser concebida sob a forma de superação. Esta interioridade que pretende afirmar-se contra toda a filosofia, na sua estreiteza e profundidade infinita, esta subjetividade reencontrada para além da linguagem como a aventura pessoal de cada um em face dos outros e de Deus, eis o que Kierkegaard chamou a existência⁷

A existência não é mais do que o vivido. O vivido é algo muito concreto no tempo e no espaço. O concreto é o ponto de partida para a elaboração do conhecimento no marxismo. Ele se explicita na economia política. A economia política ao erigir o trabalho como fonte do valor, o toma na sua forma particular de trabalho alienado, trabalho submetido ao capital. Sartre retoma essa concepção para entender a contradição do vivido. Ele se coloca do ponto de vista do trabalho, permitindo colocar em evidência a contradição de interesses de classes localizada na base do capitalismo.

A compreensão do vivido se estabelece no indivíduo por meio da interioridade. Segundo Sartre, essa interioridade que pretende afirmar-se contra toda a filosofia só se realizará quando as mudanças econômicas e culturais suprimirem as necessidades e superarem os antagonismos entre os homens. A interioridade para Sartre refere-se ao marxismo como método de investigação. Por isso, o marxismo é para ele “a insuperável filosofia de nosso tempo”. O marxismo não é eterno, por que ele é capaz de auto-superar-se, mas sim, porque ele permite compreender as obras, os homens e os acontecimentos que vão se adaptando as transformações sociais hodiernas.

O fio condutor de Sartre para compreender a existência é o marxismo. Pois segundo ele, “a necessidade é a primeira relação totalizadora deste ser matéria – homem – com o conjunto material do qual ele faz parte”.⁸ O homem é um ser material

A economia política ao erigir o trabalho como fonte do valor, o toma na sua forma particular de trabalho alienado, trabalho submetido ao capital.

que está em meio de um mundo material. A matéria recebe as funções humanas, humanizando-a, por isso o existencialismo é um humanismo. Ao mesmo tempo “o homem é também um organismo. Ele é um organismo material com necessidades materiais,⁹ essa dialética garante ao homem o ser totalizador.

O homem vive uma profunda tensão, entre a necessidade, condições materiais de seu tempo por um lado, e a liberdade, condições de superação, por outro. Essa tensão – necessidade e liberdade – faz a história ser o momento infinito da liberdade, enquanto ela é a antítese da necessidade, e conseqüentemente a síntese só será alcançada pelo projetar-se, individual e existencial no tempo de cada homem.

3

No conceito de necessidade enraízam-se os conceitos de superação, totalidade, história, alienação, ideologia, contradição, etc., que são categorias marxianas, presente em Sartre. A necessidade se revela como um fim em si mesmo, pois por um lado ela é a denúncia da falta e por outro ela é a possibilidade da liberdade, ao mesmo tempo, ao afirmar a sua falta. Ela é totalizante, pois ao mesmo tempo, que ela transforma a natureza interiorizando-a, ela constitui-se numa totalidade de recursos capazes de preencher o vazio que é a falta no interior do sujeito. Por isso, ela é “a totalidade viva que se manifesta como totalidade e que desvela o mundo material ao infinito, como campo total das possibilidades das satisfações”.¹⁰

Segundo Sartre a realidade é irreduzível ao conhecimento, ele deve ser vivido e produzido, a partir do homem concreto. Este “se define simultaneamente pelas suas necessidade, pelas condições materiais de sua existência e pela natureza de seu trabalho, isto é de sua luta contra as coisas e contra os homens”.¹¹

Ainda o projeto e a práxis estão implícito no conceito de necessidade. O projeto implica negação dessa realidade e na afirmação de uma nova realidade. Então os dois estão intrinsecamente relacionados. Não é possível falar de projeto sem falar de práxis. Sartre define “o projeto como sendo uma conduta que viabilize o nascimento em relação a um certo objeto futuro, assim em relação ao dado

real concreto, a práxis é negatividade: mas em relação ao objeto, ela é positividade, desembocando em algo que não existe ainda.”¹²

Sartre está dizendo que o projeto unifica o mundo no momento em que ele restaura o objeto negado. O projeto é prática, ou seja, necessidade, mas é também liberdade, porque a liberdade só existe expressa na ação, citando Marx, ele afirma que “este reino da liberdade começa de fato apenas onde cessa o trabalho imposto pela necessidade e pela finalidade exterior: ele se encontra, pois, para além da esfera da produção material propriamente dita”.¹³

Ele conclui dizendo que:

[...] logo que existir para todos uma margem de liberdade real para além da produção da vida, o marxismo deixará de viver; uma filosofia da liberdade tomará o seu lugar. Mas, por enquanto, não temos nenhum meio, nenhuma experiência concreta, que nos permita conceber esta liberdade ou esta filosofia.¹⁴

Diante da burguesia que tenta massificar o proletário, o marxismo se faz e se refaz, sem cessar. Ele está em movimento porquanto a realidade está em movimento. O seu grau de integração se mede pela intensidade na luta que ele trava contra a burguesia. A legítima representante dessa luta é a classe proletária. A classe não é para Sartre algo “inerte” que obedece às exigências da realidade de uma sociedade, mas é um instrumento capaz de traçar o projeto socialista. Enquanto existir oprimidos existirá a resistência e continuará a existir a classe e existirá também a violência. Esta se encontra arraigada nas estruturas de classes, políticas e do Estado. Pois, para ele “a classe representa as condições gerais da atividade social, a realidade objetiva imediata e bruta”,¹⁵ da sociedade capitalista.

A classe é o ser-fora-de-si na matéria. Ela produz e se constitui através do sujeito como um futuro que se realiza por meio das ações sejam quais forem o que se escolhem para atuar na sociedade. A classe se apresenta no interior da sociedade capitalista como sendo aquele instrumento que realiza o destino dos homens. Ora, como a

Segundo Sartre a realidade é irreduzível ao conhecimento, ele deve ser vivido e produzido, a partir do homem concreto.

sociedade capitalista mistifica a dominação e aliena o homem pelo trabalho para que ele não se reconheça no seu trabalho nem no produto de seu trabalho, essa prática acaba sendo a maior forma de violência desta sociedade.

Esse não reconhecimento no trabalho para Sartre é a maior violência instituída na sociedade. E como essa sociedade não dá conta de superar a escassez da necessidade, ela está continuamente sendo potencializada, isto é, criando-se mais necessidades pelo desejo infinito do sujeito. A criação de necessidades pela sociedade capitalista e a criação dessas necessidades pelo desejo dificulta em muito a transformação dessa sociedade e, por conseguinte, deixa a classe do trabalhador ainda muito distante de vir a criar as condições sociais e políticas para a eliminação do capitalismo.

É nesse sentido que o outro passou a ser um não aliado no enfrentamento das forças políticas que emergem do capitalismo, mas o outro passou a ser uma “tortura moral recíproca: o inferno são os outros”.¹⁶

4

Seus ensinamentos vividos em tempos passados teriam algo a nos dizer sobre as atuais condições do tempo presente em que os homens estão vivendo? Até que ponto a sua doutrina reflete a realidade contemporânea? Ou ainda, como poderíamos atualizar seus ensinamentos numa sociedade profundamente marcada por um tempo de “economia global”?

Pode-se dizer que o marxismo de Sartre tem muito a nos dizer. Segundo ele próprio a crise é “a expressão particular de uma crise social e seu imobilismo é condicionado pelas contradições que laceram a sociedade”.¹⁷ Ainda, segundo ele, uma

[...] pretensa revisão não passaria, pois, de uma mistificação idealista e sem alcance real; é o próprio movimento da História, é a luta dos homens em todos os planos e em todos os níveis da atividade humana, que libertarão o pensamento cativo e lhe permitirão atingir seu pleno desenvolvimento.¹⁸

Isso dá um certo alívio para aqueles que entendem que o marxismo continua sendo a filosofia insuperável desse tempo. No momento em que o processo acumulativo amplia a exclusão dos homens,

então novamente se tem as necessidades de materializar-se as determinações da vida social.

A crítica ao neoliberalismo, que confunde a aparência social, com a estrutura e a essência da própria sociedade, significa a necessidade de se retomar as questões da economia política, elemento estruturante do sujeito. Pois, o pensamento parece estar acomodado entre um niilismo e uma resignação ou satisfação com o tempo presente. Nihilismo para aqueles setores da sociedade que consideram que não há sentido e não há valores pelos quais lutar, e resignação para aqueles que consideram que há um tempo empírico que ressoa o clamor desses setores. Só assim parece ser possível romper com aquela estrutura inerte de que falava Sartre: “uma estrutura inerte de inumanidade, que não é senão a negação material na medida em que ela é interiorizada”.¹⁹

Sartre estava afirmando que os homens vivem uma dura estrutura de classe constituída ao longo de anos, construída sob o império das classes dominantes e dirigentes de uma nação. A classe é um dado da sociedade. Por isso, como acentuou Sartre “é para o marxismo que se deve olhar, porque ele vai além da história”.²⁰

E como a sociedade está constituída por essa forma histórica – a “dialética do senhor e do servo” – onde as classes se encontram em lutas, só ao marxismo compete compreendê-las.

Uma segunda observação se refere à ideologia existencialista. Se se pensa que o existencialismo prioriza o indivíduo como o faz o neoliberalismo, então parece que há uma semelhança entre eles. Segundo Hobsbawm “o neoliberalismo está associado com o declínio dos valores coletivos e com o crescimento de uma sociedade extremamente individualista”.²¹ Nesse sentido, parece que há uma semelhança entre elas; contudo a doutrina existencialista realça o papel do coletivo em detrimento do indivíduo.

O capitalismo globalizado tem como sustentação ideológica o neoliberalismo. Ele enfatiza o sujeito como o único capaz de se superar, basta querer, radicalizando o sujeito. Essa é a nova barreira introduzida que a burguesia levanta contra Marx e pela “crise do marxismo”, colocada no discurso da negação das classes.

O tempo como dimensão da existência recoloca o socialismo na ordem do dia. A necessidade da superação dessa forma de produção está desvinculada da miséria. Ela se coloca para quem está no horizonte necessário dessa forma produtiva capitalista.

5

Haveria, então, uma identificação do existencialismo com o neoliberalismo? Se se pensa que os dois estão radicalizados no sujeito, então é possível dizer que sim. O existencialismo, embora esteja radicado no sujeito, se apresenta como um projeto do presente que antecipa o futuro; por isso, se compõe de um “sujeito engajado politicamente” na tentativa da superação dessa realidade que oprime o homem.

Enquanto o neoliberalismo se apresenta como algo mutilado e fragmentado. Por um lado, ele radicaliza-se na experiência do sujeito como indivíduo capaz de superar a si mesmo e aos outros, mas por outro ele é a expressão da irreversibilidade das condições sociais que se está vivendo no presente, ou seja, roubou-se do sujeito a imaginação da possibilidade de um futuro diferente. O neoliberalismo criou e cria uma limitação do sujeito, razões pelas quais se identifica como “pensamento único”.

O neoliberalismo é a aceitação radical do empírico porque tudo está no sujeito e depende do sujeito. O neoliberalismo não nega o direito do sujeito, antes afirma constantemente o seu direito. Porém, para aquele indivíduo que se encontra numa situação concreta – passando fome – a sociedade formula não um juízo negativo simples, mas um juízo negativo infinito, não se limita a negar-lhe seus direitos particulares, mas o coloca numa situação de total falta de direitos.

O neoliberalismo viola o empírico da história, isto é, ele nega a utopia futura de uma sociedade socialista quando potencializa as liberdades no mercado como sendo as salvas-guardas do sujeito. Negando a história ele nega o campo da luta política e das grandes ideologias que tinham força e autoridade tempos atrás para a superação dessa sociedade acumulativa.

O pensamento de Sartre não só se comunica com o presente, mas se mostra atual e oportuno

para ler a realidade, pois como diz Bornheim: “as idéias de Sartre respondem as inquietações do homem de hoje”.²² Uma realidade marcada pelas “formas de vida americanas”, sem ter eliminado as carências reais e as carências imaginárias dos homens não se mostra um esgotamento em si, antes indicação de sua forte continuidade. Conseqüentemente, esse tempo parece ainda marcado pelas condições da dimensão humana em suas contradições e conflitos.

Contradições e conflitos da sociedade capitalista que dá a verdadeira dimensão do tempo para Sartre. Ora, como essa sociedade não foi superada, enquanto não se tem nem um novo tempo e nem um novo homem, o nosso papel é o de refletir o presente sem o controle do passado e sem querer inventar nada.

NOTAS

- 1 Jean-Paul Sartre, “O existencialismo é um humanismo”, trad. Vergílio Ferreira, em *Sartre*, Coleção Os pensadores (São Paulo: Abril Cultural, 1978), p. 6.
- 2 Jean-Paul Sartre, *Jornal Action*, 29-XII-1944.
- 3 Jean-Paul Sartre, *Critique de la raison dialectique* (Paris: Gallinard, 1960), p. 363.
- 4 P. Prini, *Storia dell'esistenzialismo* (Roma: s/ed., 1971), p. 141.
- 5 Jean-Paul Sartre, “O existencialismo é um humanismo”, cit., p. 59.
- 6 *Ibid.*, p. 185.
- 7 *Ibid.*, p. 116.
- 8 Jean-Paul Sartre, *Critique de la raison dialectique*, cit., p. 166.
- 9 *Ibid.*, p. 158.
- 10 *Ibid.*, p. 66.
- 11 Jean-Paul Sartre, “A questão de método”, trad. Vergílio Ferreira, em *Sartre*, Coleção Os pensadores (São Paulo: Abril Cultural, 1978), p. 117.
- 12 Jean-Paul Sartre, *Critique de la raison dialectique*, cit., p. 63.
- 13 Jean-Paul Sartre, “A questão de método”, cit., p. 126.
- 14 *Ibidem*.
- 15 Jean-Paul Sartre, *Critique de la raison dialectique*, cit., p. 289.
- 16 Jean-Paul Sartre, *Porta chiusa* (Milão: Bompiani, 1947).
- 17 Jean-Paul Sartre, “A questão de método”, cit., p. 115.
- 18 *Ibidem*.
- 19 Jean-Paul Sartre, *Critique de la raison dialectique*, cit., p. 207.
- 20 Cf. *Rinascità*, nº 50, Roma, 1966.
- 21 Eric J. Hobsbawm, *O novo século: entrevista a Antonio Polito*, trad. Allan Cameron (São Paulo: Cia. das Letras, 2000), p. 136.
- 22 Gerd Bornheim, “Apresentação”, em *Crítica da razão dialética*, trad. Guilherme João de Freitas Teixeira (Rio de Janeiro: DP&A, 2002), p. 7.